

PERSONAGENS E DESCRIÇÃO NO ROMANCE DE CASTRO SOROMENHO¹

Carlos Alberto Iannone

Castro Soromenho utilizou, na descrição das personagens masculinas européias dos romances *Terra Morta*, *Viagem* e *A Chaga*, número significativo de figuras de retórica. A determinação destas, nos vários momentos descritivos, revela ser Castro Soromenho um escritor substancialmente metafórico, empregando em plano secundário as demais figuras, isto é, a sinédoque, a catacrese, a metonímia e a hipérbole. A antítese e o pleonasma são praticamente desprezíveis em vista da rara frequência. Reforça o caráter metafórico da descrição o fato de a catacrese e a hipérbole poderem ser consideradas variações da metáfora, como, aliás, assinala Heinrich Lausberg.²

Por outro lado, dentre os pormenores descritos, há o predomínio da vestimenta, dos olhos, do rosto, do riso, do tronco, este constituído por peito, dorso, ombros e abdômen, e da boca. A estes seguem, em segundo plano, as mãos, a estatura, o cabelo, o bigode, o olhar, as pernas, a testa, a calva, a voz, o pescoço, o nariz e, por último, a orelha. A preferência por aqueles pormenores na descrição revela a intenção de Castro Soromenho de colocar diante do leitor dois grupos de personagens: de um lado, seres marcados pela fadiga, miséria e abandono, conseqüência da luta pela sobrevivência e contra as adversidades do meio - os colonos-comerciantes; do outro lado, uma mi-

1 Trata-se da síntese da nossa dissertação de mestrado, *Personagens e Descrição no Romance de Castro Soromenho*, apresentada à disciplina de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da USP, sob a orientação do Professor Doutor Massaud Moisés.

2 *Manual de Retórica Literaria*. Fundamentos de una ciência de la Literatura. Madrid, Gredos, 1966, vol.II, p.66 e 80.

norria, sempre insatisfeita, que vive, contudo, em condições invejavelmente superiores aos demais — os funcionários administrativos.

A descrição das personagens dos romances da segunda fase literária de Castro Soromenho, que compreende os romances já mencionados, não se processa integralmente, numa única apresentação, como se fosse um quadro que oferecesse uma imagem completa. Faz-se, isso sim, através da associação de pequenos fragmentos, através do que o escritor pretende representar, numa primeira visão, a decrepitude de colonos-comerciantes e funcionários da Administração. Entretanto, a ocorrência sistemática de figuras de retórica, notadamente de metáforas, decorre, com toda a certeza, da dificuldade de Castro Soromenho permanecer totalmente objetivo nas descrições. Diante do exposto, não causará estranheza se se verificar, em alguns momentos, a existência de metáforas que se impõem de modo direto e imediato ao leitor (própria da poesia), com toda a sua carga semântica ou conotativa. ³ Estaremos, então, diante de uma clareira poética que permitirá que se fale na possibilidade de uma visão poética da realidade africana por parte do escritor.

A vestimenta, que engloba um número relativamente grande de peças, mesmo no caso das personagens de *Terra Morta*, *Viragem* e *A Chaga*, em que se verifica ilimitada pobreza material, tem a função primordial de classificar ou desclassificar as personagens, isto é, destacá-las ou obscurecê-las. Tem significado em função do seu conjunto, porque é exatamente através do todo que a compõe que se pode chegar à idéia de personagens estereotipadas, isto é, modeladas segundo o mesmo padrão, embora sujeitas a variações de grau, tanto do ponto de vista exterior (aspectos fenotípicos), como do ponto de vista interior (aspectos genotípicos). Entretanto para efeito de análise torna-se necessária a sua divisão, segundo a frequência e a intensidade da descrição das peças da vestimenta. Desta forma, ter-se-ia, respectivamente, de um lado, os elementos farés (incluindo o dólman), capote e botas, do outro lado, calça, camisa, terno, chapéu, boné, sapatos e chinelos, atestando a existência dos dois grupos tipológicos assinalados anteriormente.

3 "A linguagem poética. A metáfora." In: Massaud Moisés, *A Crise Poética*, São Paulo, Melhoramentos, 1977. p.114-138.

A farda constitui o principal elemento caracterizador do pessoal administrativo, evidenciando a preferência de Castro Soromenho por um elemento que tende à generalização. Em muitas passagens, contudo, a farda perde o caráter padronizador e, ao contrário, presta-se a efeitos próprios, à particularização de personagens. É o caso, para exemplificar, de Albano Sampaio, que a partir de um dado momento, aparece "sempre impecável na farda branca",⁴ rompendo com o costume generalizado de usá-la apenas nos feriados e domingos. Neste caso, deve-se levar em conta a intencionalidade do aspirante que usa essa veste para iludir e conquistar Maria, filha mulata do comerciante Alfredo Anacleto, desejosa de ascensão social através da união com um branco. Por essa razão, em outro momento, emprega Castro Soromenho a construção figurada (sinédoque) "avistaram ao longe, estrada abaixo, a farda branca do Sampaio"⁵ limitando a descrição àquilo que se apresenta mais significativo. Neste caso, a cor branca adquire valor simbólico, identificando-se com o anseio de Maria.

A descrição do secretário Joaquim Bonifácio Pereira faz-se através da união de alguns pormenores que se repetem em vários capítulos do romance *A Chaga*. A partir de um elemento generalizante, a farda de cáqui, Castro Soromenho enfatiza, depois, o uso das botas brilhantes e do capacete, que encontram expressiva síntese descrita por meio do emprego da sinédoque em: "Capacete e botas comentou Vasco Serra encostado à ombreira da porta da Secretária".⁶ Esses pormenores constituem símbolo de autoridade e poder. Entretanto, as botas estão a indicar, para além das simples aparências, a possibilidade de, a qualquer momento, a personagem poder pisotear os seus companheiros e/ou subordinados. Confronte-se, a propósito, a passagem em que, diante do secretário, o administrador Santiago da Silveira adverte o chefe de posto João Deusdã. Parece-nos, ainda bem sugestivo o contraste constituído pela alternância do claro-escuro das botas luzentas e da "aba|do capacete que lhe ocultara a cara".⁷ O escuro provocado pela aba do capacete não se justifica apenas como uma atitude de proteção da personagem ante as condições climáticas. Bonifácio Pereira esconde o rosto, porque pretende diluir

4 *A Chaga*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970. p.183

5 *Ibid.* p.182.

6 *Ibid.* p.20.

7 *Ibid.* p.20.

uma provável certeza da vulnerabilidade do seu caráter. Receia revelar no semblante qualquer vestígio de atitudes ignóbeis por ele praticadas, como a conhecida (embora ele mereça ignorar o conhecimento do fato pelos demais companheiros) venda clandestina de “cabeças de alcatrão”, realizada no passado.

Nas descrições em que aparecem terno, camisa, calça, chapéu, chinelo etc., com número reduzido de figuras de retórica, a intenção de Castro Soromenho foi revelar não individualidades, mas um dos tipos comuns aos seus romances: o colono-comerciante. Desta forma, encontram-se muitos casos de personagens “em mangas de camisa”,⁸ “de mangas arregaçadas”,⁹ ou “com a fralda da camisa fora das calças”,¹⁰ sacudindo “a poeira dos fundilhos das calças de cotim”,¹¹ “andando aos saltinhos sobre tacões altos”,¹² ou arrastando “os chinelos”,¹³ e, finalmente, com a cabeça coberta por chapéu ou boné, conforme a necessidade de proteção contra o sol escaldante e os insetos, como em Francisco Bernardo “de boné na cabeça calva, por causa das moscas”,¹⁴ em Manuel Santana de “chápeu ensebado posto às três pancadas”¹⁵ e ainda em Alfredo Anacleto” com o chapéu amarrotado atirado para a nuca”.¹⁶

O cachimbo e a chibata aparecem em algumas personagens, como seu prolongamento natural. O uso da segunda parece ser circunstancial. Quanto ao do cachimbo, parece indicar assimilação por parte do europeu dos costumes dos povos africanos, caso do comerciante Francisco Bernardo em *Terra Morta*, ou a tendência da personagem à reflexão, ao exame dos seus próprios pensamentos e sentimentos. Neste caso, destaca-se o comerciante Albino Lourenço de *A Chaga*, dono de uma filosofia de vida calcada nas suas amargas experiências, colhidas na forma de vida a que optou ou que lhe impuseram.

8 *Terra Morta*. Lisboa, Sá da Costa, 1976. p.197.

9 *Ibid.* p.67.

10 *A Chaga*. p.169.

11 *Ibid.* p.49.

12 *Terra Morta*. p.31.

13 *A Chaga*. p.14

14 *Terra Morta*. p.31.

15 *A Chaga*. p.28.

16 *Terra Morta*. p.31.

A preocupação de Castro Soromenho é oferecer a descrição das personagens masculinas européias de maneira quase fotográfica. Para tal, concentra-se, de modo especial, nas partes que compõem o rosto. A descrição contudo não é pomnoriada, mas bem significativa. No rosto em geral e em algumas das suas partes mais expressivas, reflete-se o resultado de todas as experiências vividas pelas personagens, sugerindo por vezes suas camadas interiores o que por si só justifica a ênfase que o escritor dá a esses elementos.

As personagens masculinas européias apresentam basicamente duas variações pictóricas no rosto, o vermelho e o verde, também expresso, pelos adjetivos *esverdeado* e *citrino*. O fluxo sanguíneo na face é, num primeiro caso, consequência da personalidade nervosa e da irritabilidade de algumas personagens, caso de Alfredo anacleto, "muito vermelho",¹⁷ mordendo as pontas do bigode, ou roendo a "ponta da boquilha de cana",¹⁸ e o chefe de posto João Deusdá, com o "carão vermelho, olhos faiscantes."¹⁹ Nas demais, o vermelho ou provém de situações de momento, na maioria das vezes climáticas, como acontece com o administrador Santiago da Silveira, com a "cara afogueada", "congestionada", "o cabelo loiro escurecido pelo suor", "empastado na testa",²⁰ cujos participios (às vezes metáforas) sugerem a situação degradante em que se encontra, ou decorre do estado doentio da personagem, alternando-se com o verde: "o calor e tensão nervosa afogueavam-lhe o rosto esverdeado de doente de fígado."²¹ Esta última citação diz respeito ao aspirante Antônio Alves, de sensibilidade rude, haja vista a maneira violenta e descortês com que se atira à conquista e à posse de Paulina. Os colonos-comerciantes Manuel Pancário, José Calado e Manuel Santana também são descritos com o rosto esverdeado.

O caráter sugestivo da metáfora faz-se presente na descrição de Albano Sampaio, com o rosto "de um branco encarniçado."²² A metáfora "encarniçado" presta-se para enfatizar o caráter cruel da personagem. Cruel, contudo, no sentido de insensível. De fato, como já assinalamos, o aspirante pre-

17 *Ibid.* p.135.

18 *Ibid.* p.135.

19 *A Chaga* p.37.

20 *Ibid.* p.66.

21 *Viragem*, Lisboa, Uliisséia, 1975. p.74.

22 *A Chaga* p.118.

tende conquistar e seduzir a mulata Maria, iludindo-a com falsas promessas, insensível, portanto, aos sentimentos da menina. O adjetivo, empregado metaforicamente, macula, em última análise, o rosto de Sampaio, denunciando as suas reais intenções.

A decrepitude e, por conseqüência, a ausência de ilusões, quanto à melhoria das condições materiais e sociais, apareciam estampadas no rosto dos coionos-comerciantes, de que é excelente exemplo José Paulino, por ter sido bastante explorado pelo romancista do ponto de vista da descrição. Castro Soromenho oferece um retrato completo do comerciante como se pode observar através da união de pequenos fragmentos: "José Paulino sorria, a mão larga, nodosa, a tapar-lhe a boca desdentada, as pálpebras a tremer sobre o riso malicioso dos olhos enevoados";²³ "sorria, a boca rasgada, de orelha a orelha, a gengiva nua entre os lábios finos escumados nas comissuras, meneando a cabeça"; "desamorteceram os olhos de José Paulino, brilharam lá no fundo das órbitas cavadas, como se caveira, a pele pergaminhosa enegrecida nas olheiras";²⁵ "a sorrir à boca, o queixo eriçado de barba branca de uma semana";²⁶ "o sanque alastrou-lhe na cara até as orelhas, afastadas do crâneo despelado, amarelecido, como bola de marfim velho";²⁷ e, finalmente, como último texto, nesta longa mas necessária mostragem que se destaca pela riqueza semântica, "os seus lábios murchos moveram-se fechados, como se mamassem".²⁸ Num primeiro contato com esses textos deparamos de pronto com um contraste entre a passagem "as pálpebras a tremer sobre o riso malicioso dos olhos enevoados" e as demais, reveladoras do grotesco da personagem. A referida descrição parece constituir uma clareira poética, em vista da sonoridade alcançada através da arternância de grupos consonantais simples, e em especial, pela riqueza conotativa da metáfora direta, "enevoados", responsáveis pelo ar onírico de atributos físicos parece ser a nota marcante. Dir-se-ia que os vestígios de todos os sofrimentos experimentados por José Paulino para tentar concretizar os sonhos do passado estariam repre-

23 *Ibid.* p.47.

24 *Ibid.* p.92.

25 *Ibid.* p.95.

26 *Ibid.* p.95 e 96.

27 *Ibid.* p.96.

28 *Ibid.* p.105.

sentados, no presente, exteriormente no seu físico. Frustrado, resta-lhe pela morte, cujos indícios se localizam nas “órbital cavadas, como de caveira”, na pele “pergaminhosa enegrecida nas olheiras” e no crânio “amarelecido, como bola de marfim velho”.

A carência física também está presente na boca e partes contínuas, como atestam as descrições dos colonos-comerciantes. Sendo assim, Francisco Bernardo apresenta a “boca desdentada”,²⁹ José Paulino, “a boca aberta num riso de gozo, só gengiva e língua”³⁰ e Albino Lourenço, “a boca encoada”³¹ e “um sorriso inefável nos lábios lívidos”.³²

Chama atenção do leitor atento o tratamento dado por Castro Soromenho na descrição do administrador Santiago da Silveira, cuja nota predominante é a horizontalidade dos traços. Apresenta um sorriso alongando-lhe “o bigode fino, uma lâmina na borda do lábio delgado”,³³ e os “olhos estreitos como fio de lâmina”.³⁴ Qual a razão que teria levado o escritor a descrever sua personagem utilizando apenas linhas horizontais? Obviamente, uma figura horizontal limita o campo de observação. É plana e opõe-se à disposta verticalmente, isto é, em profundidade. Tudo leva a crer que, através da descrição, Castro Soromenho pretendeu oferecer a representação de uma personagem em profundidade psicológica, sem complexidade e, além disso, fechada, preocupada com a possibilidade de se tornar vulnerável.

Entre os órgãos que se situam no rosto, os olhos são os que apresentam maior expressividade, prestando-se, na maioria dos casos, à revelação do interior das personagens. As construções metafóricas “olhos acesos de raiva”,³⁵ referindo-se a Alfredo Cardoso, e “olhos em brasa”,³⁶ a valadas, sugerem tipos de personalidade nervosa, facilmente irritáveis, como que a indicar indivíduos prontos a cometer imprudências, a exterminar com tudo e com todos. Não há, por outro lado, referência alguma à cor dos olhos

29 *Terra Morta*. p.50.

30 *A Chaga*. p.107.

31 *Ibid.* p.104.

32 *Ibid.* p.187.

33 *Ibid.* p.26.

34 *Ibid.* p.26.

35 *Ibid.* p.46.

36 *Terra Morta*. p.13.

dos comerciantes, embora três funcionários administrativos os possuam azuis: Albano Sampaio, Jaime Silva e Antônio Alves. A descrição do primeiro, com os "olhos azuis vivos e brilhantes",³⁷ ocorre no mesmo instante em que apresenta um riso torcido, disfarçando-o com uma das mãos, numa evidente atitude de cautela e que implica, ainda, em falsidade. Parece ser este, também, o valor simbólico do azul na descrição dos olhos das outras personagens, como que a indicar indivíduos ardilosos, falsos, prontos a lograrem seus objetivos a qualquer custo. Acrescenta-se a isto a possibilidade de se entender o azul com uma cor que transmite a sensação de mistério. E veja-se a atitude enigmática com que Sampaio envolve a filha mulata do colono. Por fim, aparecem os olhos que em determinadas circunstâncias, começam a luzir. O brilho momentâneo dos olhos, por exemplo, de Joaquim Bonifácio Pereira, Jaime Silva e Antônio Alves, passam a significar cobiça. Os olhos tornam-se penetrantes, ameaçadores, violentadores, fitando com atenção e interesse o objeto níqueis, notas e mulheres.

Nas descrições das partes secundárias do corpo, que compreendem membros, incluindo mãos, dedos e pés, tronco, abrangendo peito, dorso e estatura, a metáfora constitui a principal figura responsável pela associação entre descrição física e revelação psicológica das personagens.

Em Jaime Silva, as mãos revelam a sua avidez pelo dinheiro, levando a personagem a atos descabidos que a indis põe com os companheiros: "disse que ganhou, descansando as mãos papudas, como sapos, sobre as notas e os níqueis, espiando-os com olhar matreiro, idiotamente feliz."³⁸ A passagem refere-se ao momento do jogo de cartas, no início do romance *Terra Morta*. A situação em que surpreendemos Jaime da Silva, Joaquim Américo, Valadas e Vasconcelos reveste-se de muita importância, se entendermos o jogo como atitude reveladora de uma oposição entre as personagens. É através da divisão das personagens em duas funções que se vão ressaltando os aspectos negativos de Jaime Silva, contra o que se unem todos os demais, e que se mantém inalterável do início ao final do romance. No texto acima transcrito, a metáfora "papudas" indica, como afirmamos, a avidez da personagem pelo dinheiro, aspecto sugerido também pelas outras figuras (pleonasmão e antítese) em "espiando-os com olhar matreiro, idiotamente feliz".

37 *Ibid.* p.118.

38 *Ibid.* p.4.

Decorre daí o processo de animalização do homem, expresso pela comparação "como sapos", responsável pela repugnância que todos passam a ter de Jaime Silva. Num outro plano, as comparações, destacando o abdômen volumoso de certos funcionários, sugerem tipos preocupados quase que exclusivamente com a valorização daquilo que a vida lhes proporciona de bens materiais. Estão neste caso o secretário Jaime Silva e o administrador Gregório Antunes, ambos em *Terra Morta*. Castro Soromenho utilizou-se, neste particular, da conhecida fórmula de representar fisicamente os que se situam em posição social privilegiada, ou os que pretendem ser abastados economicamente, através de maciços e arredondados ventres. A explicação para tal fato decorre da maneira simples de conceber a obesidade como sinônimo de prosperidade.

O tipo magro e alto, com raríssimas exceções, revela-se psicologicamente nervoso e exaltado, com sentimentos tumultuosos e extremamente variáveis. Valadas, em *Terra Morta*, representa bem o tipo que, do ponto de vista morfológico, se denomina lontanitipo.³⁹

Move-se e gesticula desordenadamente, torce as mãos com desespero, cerra os punhos ameaçadoramente, atira as pernas em longos passos, treme.

As figuras que se situam em segundo plano, na maior parte das descrições dos colonos-comerciantes, em especial do pormenor mãos, revelam principalmente o seu estado de debilidade física que, por sua vez, serve como base para que se estabeleça um índice da sua condição social. José Paulino, em *A Chaga*, em mais de uma oportunidade é escrito como tendo a "mão nodosa",⁴⁰ servindo-se Castro Soromenho da força expressiva da catacrese para mostrar a situação da personagem.

Em síntese, a descrição evidenciou que o autor de *Viragem* viu as personagens masculinas européias dos seus romances distribuídas em dois grupos sociológicos com características bem marcantes e, por vezes, diferenciadoras. Para Castro Soromenho os funcionários administrativos são indivíduos de formação moral deficiente, despersonalizados e sem caráter, respeitadas as pouquíssimas exceções, como por exemplo, Joaquim Américo em *Terra Morta*, aliás, personagem em nenhum momento descrita, talvez por ser idealizada. A ganância, o roubo, a crueldade, a insensibilidade, as frustrações no plano amoroso e sexual, a compensação dos malogros por meio da impo-

39 Kehl, Renato. *Psicologia da Personalidade*. 7.ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975. p.305.

40 *A Chaga*. p.47.

sição da autoridade atribuída em função do cargo administrativo, as atitudes ignominiosas decorrentes, na maioria dos casos, do abuso da autoridade, são os aspectos interiores dessas personagens, sugeridas através da descrição do seu exterior. Pode-se afirmar, portanto, que as personagens encarregadas da Administração são estereotipadas tanto do ponto de vista dos aspectos fenotípicos, como do ponto de vista dos aspectos genotípicos, respeitando-se pequenas e sutis variações de grau. A mesma afirmação é válida para os colonos-comerciantes. Pioneiros da colonização em Angola, são indivíduos frustrados e desiludidos. Ambiciosos como os funcionários, rudes e desqualificados, encontram-se em condições de inferioridade em relação ao outro grupo, social e economicamente.

De um modo geral, as personagens masculinas européias não conseguem vencer o meio hostil em que estão situadas e seguem o destino que se lhes traçou. Encontram-se ou vencidos pela inadaptação ao meio e ao clima, chegando, por vezes, à doença, ou entregues à luta desesperada pelo dinheiro, para tentar, a qualquer custo, escapar da situação constrangedora em que se encontram. Os comerciantes têm raízes mais profundas no solo africano. Absorvem alguns costumes, uniram-se às mulheres nativas, mas não se libertaram (no que se identificam com os funcionários) da idéia, impossível de ser concretizada, de regressar a Portugal.

Em consonância com o que ficou dito ao longo destas páginas, parece lícito inferir que Castro Soromenho tem uma visão realista de suas personagens: pretende ser fidedigno, verossímil, procura uma situação própria aos seus intentos, evitando, contudo, as implicações políticas, embora existam subjacentemente.

Por outro lado, verificamos que Castro Soromenho utilizou metáforas que se impõem de modo direto e imediato ao leitor, dando assim toques líricos à descrição das personagens. Essas passagens líricas não afastam o autor de *Viragem* dos demais escritores realistas e neo-realistas portugueses que, como ele, pretendendo fixar a realidade da maneira mais objetiva possível, revelaram um indistigível lirismo em sua obra de ficção.

Com base nos aspectos examinados, podemos concluir que a visão de mundo que Castro Soromenho apresenta nos romances *Terra Morta*, *Viragem* e *A Chaga*, levando-se em conta as personagens e a descrição, é maniqueísta. Para Soromenho, as personagens distribuem-se em dois grandes grupos que se caracterizam por princípios opostos, o do bem, e do mal.